

Como toda obra introdutória, o texto acaba tornado-se superficial em alguns temas, especialmente no capítulo sobre Qumran e a relação da apocalíptica judaica com os Cristianismos das origens. No entanto, essa tradução ajudará os pesquisadores brasileiros na aproximação aos textos ainda desconhecidos do público em geral e popularizará uma das pesquisas desse importante autor.

MISSÃO, CULTURA E TRANSFORMAÇÃO:
DESAFIOS PARA A PRÁTICA
MISSIONÁRIA COMUNICATIVA.
São Leopoldo: Sinodal, 2011.
OLIVEIRA, David Mesquati.

José Mário Gonçalves

A contribuição do prof. David Oliveira é duplamente bem-vinda: primeiro, por causa da relevância – acadêmica e pastoral – do tema tratado. Segundo, porque o autor, que é ministro da Assembleia de Deus do Brasil, fala de missão a partir não somente de suas reflexões teóricas, mas também do seu engajamento missionário.

O título do livro é explicado na sua introdução. Por “missão” o autor entende o projeto de restauração e reconciliação efetuado por Deus, que envolve não somente o ser humano, como também toda a criação. Tal missão acontece sempre dentro da especificidade de um contexto sociocultural, que o Evangelho visa transformar. O contexto para o qual Oliveira volta a sua atenção é o contexto latino-americano, com suas injustiças e desigualdades, no qual o Evangelho pode atuar de forma “esperançosa e transformadora”.

A proposta do autor é trabalhar os três temas – missão, cultura e transformação – da perspectiva do diálogo, a partir do que ele denomina de “modelo missionário comunicativo”. Para tanto, ele faz uso de dois pontos de referência teóricos: a teoria da ação comunicativa de Habermas e o conceito de pensamento *debole* (fraco) de Vattimo.

A obra está dividida em quatro partes e dez capítulos. Na primeira parte, intitulada “Ação missionária: a dimensão comunicativa do Evangelho” e composta por três capítulos, Oliveira parte da teoria habermasiana da ação comunicativa. Habermas fala de dois meios de coordenação da ação coletiva na sociedade: como ação estratégica e como ação comunicativa. A primeira segue a lógica da impessoalidade, enquanto a segunda trata das relações pessoais. Aquela diz respeito ao “mundo do sistema” – o cotidiano estruturado da economia e Estado, enquanto esta trata do “mundo da vida”, o mundo dos valores pessoais que são construídos pelo consenso. Enquanto o agir estratégico está orientado para o sucesso e pode gerar distorções e desigualdades, o agir comunicativo volta-se para o diálogo. Na teoria da ação comunicativa, defende-se que a sociedade seja orientada para o entendimento mútuo, “abrindo mão de um agir estratégico egocêntrico/etnocêntrico.” (p. 23). Daí a grande importância da linguagem, pois ela é o meio para o entendimento, para a construção do consenso.

Apoiado nas reflexões do missionólogo David Bosch, Oliveira reconhece a emergência de um novo paradigma missionário, que se opõe ao paradigma moderno, predominante até meados do século XX. Neste novo paradigma, a missão é pensada em seu caráter ecumênico, aberto ao diálogo. Ao contrário da concepção moderna, que estaria mais relacionada ao agir estratégico, a nova concepção avança na direção do agir comunicativo, voltado para o consenso. As mudanças ocorridas no mundo e na igreja levaram ao enfraquecimento do antigo e ao surgimento do novo paradigma. Ecumenismo, diálogo inter-religioso, amadurecimento das igrejas “jovens” (que surgiram a partir das missões modernas na América Latina, Ásia e África), são alguns elementos que revelam essas mudanças. O reconhecimento do outro tornou fundamental uma evangelização inculturada. Surge então a necessidade do diálogo e a busca pelo consenso.

Para o autor, a inculturação na prática missionária é uma forma de ação comunicativa. Inculturar é mais do que contextualizar, pois implica no reconhecimento de que “uma pluralidade de culturas pressupõe uma pluralidade de teologias” (p. 45). Na inculturação, a fé cristã modifica a cultura, mas também é modificada por ela, num processo nunca acabado, pois mantém sempre a necessidade de novos

diálogos e novos consensos. Desse ponto de vista, missão é mais do que evangelização, especialmente quando esta é pensada e praticada como um ato de arrebanhar e contabilizar “almas”. No novo paradigma missionário, a missão se realiza como engajamento no mundo, como exercício da vocação cristã no meio da sociedade, que envolve a busca da transformação social, da justiça e da paz. A missão é integral e abrangente.

Neste cenário, um desafio particularmente importante é o do diálogo inter-religioso. Oliveira defende que para entrar no debate com outras religiões, é necessário “posicionar-se, tomar partido” (p. 55). Não fazer isso é colocar em risco a identidade cristã. No entanto, ele defende que, apesar disso, deve-se ter abertura para questionamentos e uma postura que preze pela paz e pela boa convivência.

Na segunda parte do livro, Oliveira volta-se para a idéia do “pensamento fraco” do filósofo italiano Gianni Vattimo. Por isso, o título dessa parte, composta por três capítulos, é “A missão em fraqueza: construindo uma prática missionária comunicativa”. Primeiramente, o autor nos apresenta o pensamento de Vattimo, em sua crítica ao pensamento “forte” da modernidade. Opondo-se à ambição totalizante do pensamento moderno, Vattimo propõe um tipo de pensamento que não pretende deter a verdade, mas ser sempre uma proposta, uma versão entre outras. A partir daí é possível o diálogo com aqueles que têm outras versões, outras propostas. O cristianismo seria uma proposta entre outras, um discurso entre outros. Isso faz dele um discurso fraco e seu fortalecimento só pode acontecer no debate com outros discursos.

Segundo Oliveira, a hipótese *debole* traz riscos para a missão cristã, pois pode gerar acomodações por parte das igrejas e agências missionárias, estimular sincretismos ou causar inseguranças nos fiéis. Entretanto, ele chama a atenção para o fato de que muitos conceitos tidos como absolutos já mudaram ou foram reinterpretados no decorrer dos séculos. Além disso, o envio de missionários ao mundo não pode mais ser feito no velho modelo de imposição, pois tal modelo é incompatível com o próprio Evangelho.

O pensamento *debole* adverte-nos sobre a vulnerabilidade da missão, o que a torna aberta ao outro, que se expressa na forma de misericórdia, de compaixão. O modelo é Jesus, que em sua *kenosis*, revelou Deus em

fraqueza. “Sofrer a *kenosis* é transformação e é transformador. Toda a *missio Dei* está aí. Essa maneira de pensar é transformadora, pois o agente adentra a realidade do outro para servi-lo” (p. 98).

Oliveira intitulou a terceira parte do livro, formada também por três capítulos, de “O redescobrimento da Diaconia: uma ação transformadora”. Nesta parte, ele procura apresentar a ação diaconal da Igreja como a proposta mais adequada de ação missionária no contexto da América Latina. Diaconal envolve transformação: transformação da sociedade, a partir do compromisso com a justiça, a paz e o amor e no horizonte de uma ética de cuidado; transformação dos indivíduos, que passa pela restauração dos relacionamentos e da vida comunitária, pelo uso dos dons e talentos no serviço e na missão e pela vivência dos valores do Reino; e transformação das culturas, superando o etnocentrismo, tratando da evangelização como uma via de mão dupla, na qual se evangeliza e se é evangelizado e buscando uma vivência comunitária fundamentada na confiança e na convivência fraterna. Trata-se de “uma missão sem conquistadores e sem conquistas, pois a relação que existe é de acompanhamento, parceria e companheirismo” (p. 140).

Na parte conclusiva da obra, cujo título é “Por uma teologia da missão comunicativa na América Latina”, o autor reafirma a proposta de uma diaconia transformadora e de uma teologia dialógica da missão e conclui: “o caminho do debate não garante estabilidade, mas é uma forma de amar, de respeitar e de reconhecer a si mesmo no outro. É um repúdio às formas autoritárias de fazer missão” (p. 148).

Em tempos de violência e intolerância em nome da religião e de práticas missionárias e eclesiais voltadas para a simples obtenção de resultados financeiros, a obra do Prof. David Oliveira é muito bem vinda e sua leitura recomendável para todos os que se interessam por uma reflexão missiológica e uma prática missionária ética, relevante e contextualizada.